# **UNIVERSIDADE NO RECÔNCAVO:** a relação do CAHL/UFRB com as comunidades de Cachoeira e São Félix – BA, a partir dos projetos de extensão[1]

Rosana de Jesus Santos[1]

**RESUMO**

O presente trabalho trata-se de pesquisa de mestrado em andamento. Considerando o processo de democratização, expansão e interiorização das universidades nos últimos anos, aqui trago especificamente a discussão sobre a interiorização da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), inserida no Território de Identidade do Recôncavo. Considerando que as cidades de Cachoeira e São Félix – Ba dispõem de um Campus da referida instituição, o Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL), neste sentido, busca-se analisar as relações do CAHL com as comunidades supracitadas, estabelecidas a partir dos projetos de extensão. Será feito estudo de casos múltiplos, para caracterizar os principais projetos de extensão existentes no CAHL/UFRB, observando informações/características como área temática, público-alvo etc.; e entrevistas semiestruturadas com os envolvidos nas ações extensionistas com a comunidade acadêmica e externa. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, para a tratativa dos dados será utilizada análise de conteúdo.
**Palavras-chave:** Universidade. Projetos de Extensão. Comunidade.

**ABSTRACT**

The present work is a master's research in progress. Considering the process of democratization, expansion and interiorization of universities in recent years, here I bring specifically the discussion on the interiorization of the Federal University of Recôncavo da Bahia (UFRB), inserted in the Territory of Identity of the Recôncavo. Considering that the cities of Cachoeira and São Félix - Ba have a Campus of that institution, the Arts, Humanities and Letters Centre (CAHL), in this sense, we seek to analyze the relations of the CAHL with the aforementioned communities, established from the extension projects. Multiple cases will be conducted to characterize the main extension projects existing in CAHL/UFRB, observing information/characteristics such as thematic area, target audience, etc.; and semi-structured interviews with those involved in extension actions with the academic and external community. This is a qualitative research, with content analysis for data processing.
**Keywords**: University. Extension projects. Community.

[1] Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; Bacharela em Serviço Social e Mestranda em Política Social e Territórios; zannajs@live.com.

## 1 INTRODUÇÃO

A expansão da Rede Federal de Educação Superior no Brasil teve início em 2003 através do programa EXPANDIR (2003-2006 com extensão até 2010), no governo Lula, com a interiorização das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). Com isso, tanto houve aumento no número de municípios atendidos pelas IFES, bem como ampliação de vagas nas instituições e a criação de cursos.

O segundo momento desse processo de expansão do ensino superior deu-se através do Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007 (BRASIL, 2007), que instituiu o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), tendo como principal objetivo a ampliação do acesso e permanência no ensino superior. Entre outras ações, o REUNI – uma das ações que integram o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) –, ampliou os cursos de graduação, bem como a oferta de vagas nos cursos noturnos. Isso impactou consideravelmente a mudança do perfil da universidade pública, antes frequentada em sua maioria pela classe média alta, agora, pobres, índios, negros e quilombolas passam a ter acesso à educação superior pública – não que antes não existisse esse perfil, mas o acesso era insólito e apenas em cursos considerados de baixo prestígio social (CARDOSO; SAMPAIO, 1994).

Com a democratização e a interiorização do ensino superior, IFES foram implementadas em diferentes territórios, mas não foi pensado sobre a reação e o que significa para a população local ter uma instituição de ensino superior na região. É preciso pensar a universidade no território de maneira que a comunidade local se sinta parte desta, é necessário que a instituição dialogue constantemente com a comunidade para saber seus anseios, expectativas, o que está sendo bom e o que precisa melhorar para que possa atender às demandas locais da melhor maneira possível (SANTOS, 2008, p. 44).

Estudos sobre a relação entre Universidade e Sociedade têm demonstrado as transformações sociais, culturais, políticas e econômicas oportunizadas por estas instituições de ensino superior em seu entorno (MIDLEJ, 2004). Neste sentido, consideramos que analisar como são estabelecidas as relações do Centro de Artes,

Humanidades e Letras (CAHL/UFRB) com as comunidades de Cachoeira e São Félix a partir dos projetos de extensão pode trazer contribuições para entendermos como a mesma deve buscar desenvolver-se de acordo com os anseios, aspirações, necessidades e diálogo com a sociedade local.

A universidade deve ter o compromisso de dar respostas para a comunidade/lugar onde se insere. Esse compromisso faz parte da missão institucional. A instituição universitária é firmada no tripé: ensino, pesquisa e extensão, sendo este último considerado o compromisso/missão social da universidade para com a sociedade. Entretanto, deve-se ter o cuidado para que o atendimento a essas demandas não se torne meras atividades assistencialistas, o “fazer pelo fazer”, mas que sejam pautadas “numa prática que tenha como base o pensamento crítico” (RODRIGUES, 2006, p. 85).

Através das atividades extensionistas, a comunidade acadêmica conhece a realidade na qual se insere e utiliza-se de seu conhecimento acumulado para intervir nos problemas sociais. A extensão é uma maneira de aproximar a comunidade da instituição, vista muitas vezes pela população como algo inalcançável. A universidade precisa romper seus muros e se abrir para a comunidade, afinal uma instituição de ensino superior em um determinado território não deve ser considerada “no”, mas, “do” território, da região/comunidade, principalmente em se tratando da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), pois esta representa a conquista da luta de movimentos sociais e sociedade civil do Recôncavo da Bahia por uma Instituição de Ensino Superior Pública em seu território. Criada através da Lei nº 11.151 de 29 de julho de 2005 (BRASIL, 2005), no contexto de democratização, expansão e interiorização do ensino superior, em caráter *multicampi,* a UFRB tem como objetivo determinado no art. 2º, o ensino, a pesquisa e a extensão.

Partindo desse pressuposto, a pergunta que norteia esse estudo é: como se expressam as relações entre o CAHL/UFRB e as comunidades de Cachoeira e São Félix – BA a partir de seus projetos de extensão? Tendo como objetivo geral: Analisar as relações entre o Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL/UFRB) e as comunidades de Cachoeira e São Félix-BA estabelecidas a partir dos projetos extensionistas. E os específicos: Compreender os processos de transformação das

ações extensionistas no CAHL ao longo dos seus anos de existência; Analisar através das normativas do CONAC da universidade a natureza das ações extensionistas previstas e propostas pela UFRB; Caracterizar os projetos extensionistas do CAHL/UFRB voltados para as comunidades de Cachoeira e São Félix – BA; Investigar os tipos de relação estabelecidos entre as equipes dos projetos de extensão e as comunidades às quais estes se dedicam.

Será feito estudo de casos múltiplos, para caracterizar os principais projetos de extensão existentes no CAHL/UFRB, observando informações/características como área temática, público-alvo etc. Para a escolha dos participantes, adotarei os seguintes critérios: discentes, que estiverem cursando a partir do terceiro semestre e que sejam integrantes de grupos de extensão; com relação aos docentes, serão priorizados os efetivos e que desenvolvam alguma atividade de extensão. Quanto à escolha dos projetos e a sua abrangência, pretende-se, no primeiro momento, compreender os processos de transformação das ações extensionistas no CAHL ao longo dos seus anos de existência e, a partir disso definir os critérios.

No segundo momento, realizarei entrevistas semiestruturadas com os envolvidos nas ações extensionistas com a comunidade acadêmica (docentes, servidores técnicos e estudantes) e pessoas da comunidade local tanto aquelas que fazem parte dos projetos, quanto as que não estão inseridas nas atividades de extensão, mas que são envolvidas na comunidade (líderes de associações e sindicatos, gestores culturais e sociais etc.), a fim de perceber como elas enxergam o envolvimento com a UFRB. A entrevista como técnica de pesquisa busca as idiossincrasias, as dimensões subjetivas, discursivas e representacionais dos sujeitos investigados (HAGUETTE, 1995). Parte-se da concepção de que todos os dados são construídos, pois dependem dos objetivos da pesquisa, das seleções e modulações lançadas pelo (s) olhar (es) do (s) investigador (es) e de suas projeções sobre os dados colhidos (BOURDIEU, CHAMBOREDON; PASSERON, 1999).

Trata-se de pesquisa qualitativa a ser realizada nas comunidades de Cachoeira e São Félix e no Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL). Em tempo, será feita análise documental, tomando como base os seguintes documentos: relatórios da

Comissão Própria de Avaliação (CPA); Leis e Diretrizes da Extensão na UFRB; Resoluções; Atas do CONAC; e os relatórios dos projetos de extensão.

Como procedimento de análise dos dados, será utilizada análise de conteúdo que na perspectiva de Bardin, pode ser aplicada a qualquer discurso e a todas as formas de comunicação (BARDIN, 1977 *apud* GODOY, 1995).

## 2 SURGIMENTO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A extensão universitária surge na Europa no século XIX com as universidades populares. Nessa época a função da extensão era divulgar o saber técnico desenvolvido na universidade, vale ressaltar que ainda não havia essa nomenclatura. Já na Inglaterra, também pensou-se em maneiras do conhecimento da universidade chegar até a comunidade, para contribuir com a mesma, tal perspectiva “apontavam aspectos que podem ser úteis como elementos básicos para a formulação daquilo que vai se chamar, posteriormente, extensão” (MELO NETO, 2002, p. 8).

À vista disso, Melo Neto (2002) elucida que nas universidades americanas também surgiram experiências, porém com duas visões distintas das europeias: uma visão universitária em geral e outra denominada cooperativa ou rural. A extensão americana caracterizou-se como prestadora de serviços.

No Brasil, a extensão surge no século XX com influências tanto da Inglaterra (cursos e conferências) quanto dos Estados Unidos (prestação de serviços). As atividades tiveram início junto à Universidade Popular de São Paulo, em 1911, através de cursos e conferências; e a Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa, em 1926. Nesta, as ações caracterizavam-se pela prestação de serviços (PROEX/FORPROEX, 2012) e as temáticas não condiziam com a realidade brasileira (MELO NETO, 2002).

### 2.1 Trajetória da extensão universitária no Brasil

A partir de 1931 com o Decreto do “Estatuto da Universidade Brasileira”, a extensão aparece como maneira da instituição universitária ter contato com a

sociedade, no entanto, não como troca de saberes, mas, apenas através da oferta de cursos e conferências "destinados a prolongar, em benefício coletivo, a atividade técnica e cientifica dos institutos universitários", a efetivação da extensão através das conferências e cursos, "destinam-se principalmente à difusão de conhecimento uteis à vida individual ou coletiva, à solução de problemas sociais ou à propagação de idéias e princípios que salvaguardem os altos interesses nacionais" (ESTATUTO, art. 35, alínea f; art. 42, § 1º).

Na década de 1960, a partir de muitas mobilizações, principalmente com a forte atuação da União Nacional dos Estudantes (UNE), vários eventos e atividades aconteceram no período que foram importantes para a extensão no país (Fóruns, debates, teatros etc.).

Melo Neto destaca que, após 1964, atendendo algumas reivindicações dos estudantes, a ditadura, além de incluir disciplinas[2] abordando os problemas no país, criou também programas como: Centro Rural de Treinamento e Ação Comunitária (CRUTAC), Projeto Rondon e a Operação Mauá. Essas iniciativas eram na verdade uma maneira de conter as reivindicações e manter a ordem, além disso, era a oportunidade do governo "apresentar-se às comunidades rurais como os benfeitores da sociedade organizada que preconizavam" (MELO NETO, 2002, p. 11).

Com a Reforma Universitária em 1968, a extensão continuou por meio de cursos, no entanto, esses cursos não eram para todos da comunidade, mas "abertos a candidatos que satisfaçam os requisitos exigidos" (BRASIL, 1968, REFORMA UNIVERSITARIA art. 17, alínea d), ou seja, aberto a quem tinha perfil para o mercado de trabalho.

Outras iniciativas importantes para a extensão universitária aconteceram a partir de meados de 1970, visando o fortalecimento e institucionalização da extensão no país, através do Ministério da Educação e Cultura (MEC), juntamente com o Ministério do Interior (MINTER), criaram a Comissão Mista CRUTAC/MEC – Campus Avançado/MINTER. A partir dessa Comissão, criou-se a Coordenação das Atividades de Extensão (CODAE), este produziu o Plano de Trabalho de Extensão Universitária.

Por muito tempo a extensão era tida como via de mão única, o final dos anos 1970 e início dos anos 1980 teve como marco o surgimento de vários movimentos e

associações ligados a diversos setores (populares, sindicais, civis etc.). No período iniciou-se um movimento de reivindicações em torno da educação superior.

> No seio da luta pela redemocratização e reconstrução das instituições políticas e sociais, foi reelaborada a concepção de Universidade Pública, redefinidas as práticas de Ensino, Pesquisa e Extensão e questionada a visão assistencialista das ações extensionistas. A partir de então, a Extensão Universitária passou a ser percebida como um processo que articula o Ensino e a Pesquisa e se relaciona com os novos movimentos sociais (PROEX/FORPROEX, 2012, p. 14).

Em 1987 foi criado o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) e neste mesmo ano, no primeiro encontro da FORPROEX, foi instituído um novo conceito de extensão:

> A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da praxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/ prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social. (FORPROEX, 1987 *apud* PROEX/FORPROEX, 2012, p. 15).

A extensão articula o ensino e a pesquisa e torna-se indissociável desses dois. É através dela que vai possibilitar a comunicação entre comunidade e universidade para que promova, juntas, o desenvolvimento regional/local e sociocultural.

Em 1993 cria-se o Programa de Fomento à Extensão Universitária (PROEXTE), no entanto, suspenso em 1995, mas retomado em 2003 – e com alteração na nomenclatura – o Programa de Extensão Universitária (ProExt) com ênfase na inclusão social; Programa Conexões de Saberes, recentemente denominado Programa de Educação Tutorial – PET/Conexões – desenvolvido pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), desde 2005,

em parceria com a Secretaria de Educação Superior (SESU). (PROEX/FORPROEX, 2012, p. 27).

## 3 UNIVERSIDADE E COMUNIDADE: uma relação possível

Devido a sua historicidade, a universidade sempre foi e ainda é vista como detentora do conhecimento/saber. Apesar da sua popularidade nas cidades interioranas nos últimos anos, a instituição universitária continua sendo vista muitas vezes como algo distante e inalcançável, como se houvesse uma barreira entre universidade e sociedade, ocasionando o sentimento de não pertencimento, como se a universidade estivesse na sociedade, mas não para a sociedade (SOUSA, AVENDANO, BARROSO; *et al,* 2006). A comunidade muitas vezes não se sente no direito de aproveitá-la, levando em consideração que a universidade é direito de usufruto de toda a comunidade, tanto interna quanto externa. É preciso quebrar a barreira entre instituição e comunidade. Como salientam Sousa, Avendano, Barroso (*et al,* 2006, p. 32) “o papel da universidade na sociedade não é somente promover uma ação externa na comunidade, mas criar um espaço de reciprocidade entre ambas.”

Os autores supracitados enfatizam que, apesar de todo conhecimento gerado na universidade através do ensino, pesquisa e extensão, ainda não foi possível responder a comunidade de maneira eficaz e que a instituição não tem buscado compreender esse impasse. No entanto, algumas razões são apontadas: “[...] talvez o grande impasse esteja na dificuldade que a universidade tem de reconhecer a cultura popular e a importância desta para o desenvolvimento do povo, [...];” e ao analisar os métodos de ensino, pesquisa e extensão afirmam que a instituição “[...] também parece falhar na formação profissional [...].” (SOUSA, AVENDANO, BARROSO, *et al,* 2006, p. 32). Salientam ainda que, no ensino, as atividades ligadas à comunidade geralmente são para obter nota, na pesquisa a preocupação é enriquecer o Currículo *Lattes,* não devolvendo para a comunidade o resultado, e a extensão segue mais o modelo assistencialista como prestadora de serviços.

Nestes termos, mesmo recebendo a crítica de que desenvolve uma integração assistencialista, a extensão, é um dos tripés da universidade que corrobora a aproximação da universidade com a sociedade, rompendo com as barreiras entre ambas. A extensão universitária, indissociável do ensino e da pesquisa, é a via de mão dupla que se estabelece entre Universidade e Sociedade e por meio desta faz-se cumprir o papel social da instituição universitária.

## 4 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA, TERRITÓRIO E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Para se falar de extensão no Recôncavo da Bahia, primeiro se tem que falar de território ou territorialidade e, faz-se necessário recorrer à Geografia para tentar dar conta deste conceito. No entanto, ao se tratar de uma Universidade *multicampi,* não é possível falar de território sem falar de espaço, lugar e região. Lefebvre (1991, p. 102, *apud* FERNANDES, 2013, p. 193) considera o espaço como “materialização da existência humana”. Fernandes (2013, p.193) ainda enfatiza que o espaço é “totalidade”, visto que o espaço não é algo isolado, mas composto por pessoas (sociedade) e natureza. Assim, o espaço pode ser compreendido como o lugar de interação entre homem e natureza.

No entendimento de Milton Santos (1996, p. 51 *apud* FERNANDES, 2013, p. 193), a formação do espaço se dá por “um conjunto de sistemas de objetos e sistemas de ação, que formam o espaço de modo indissociável, solidário e contraditório”. É nesse espaço de contradição e solidariedade que se dão as relações sociais, sendo estas transformadoras/produtoras do espaço e vice-versa. Contudo, não apenas as relações sociais transformam o espaço, pois este sofre também as ações da natureza ou dos objetos naturais, no entanto, “são as relações sociais que impactam o espaço com maior intensidade” (FERNANDES, 2013, p. 194).

O espaço pode ser considerado um conjunto de lugares, enquanto o lugar constrói simbolicamente o espaço:

> O lugar é a construção simbólica do espaço, princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa; tem como característica o fato de ser identitário, relacional e histórico, a partir do momento em que, conjugando identidade e relação, define-se por uma estabilidade mínima (AUGÉ, 1994, p. 51-5 *apud* MIDLEJ, 2004, p. 36).

O lugar remete a uma ligação familiar com o mesmo, de espaço vivido, atribuindo-se valor, sendo assim, o lugar conota pertencimento, por isso ele é identitário.

Quanto à abordagem de território, Fernandes (2013, p. 194) considera que é formado a partir do processo de fragmentação do espaço e, se pela fragmentação forma-se território, este também pode ser formado de vários lugares. Como o lugar significa pertencimento, identidade de quem o vive, ao trazer o conceito de território para referir ao Recôncavo da Bahia, "o território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência" (SANTOS, 1999, p. 7). Dadas as definições, utilizarei aqui o conceito de território visto que é uma área de abrangência maior e, dentro da geografia, ser este o conceito mais adotado ultimamente.

O Recôncavo tem seus encantos e belezas, abriga monumentos e tradições desde a época da colonização. Assim, ao falar em Recôncavo e trazer sua importância histórica na formação do Brasil e da Bahia, Fraga (2010), no livro *"UFRB 5 anos: caminhos, histórias e memórias"*, destaca que o Recôncavo foi a primeira região da América Portuguesa a ser colonizada e que os primeiros povoados que surgiram foram Cachoeira, São Félix, São Francisco do Conde, Maragogipe, Santo Amaro, Jaguaripe e Nazaré, ainda não com esses nomes.

Nesse sentido, Milton Santos (1959, *apud* HENRIQUE, 2009) considera que a primeira rede de cidades do Brasil constituiu-se no Recôncavo. Cachoeira e São Félix, por estarem às margens do Paraguaçu, tornaram-se grandes entrepostos comerciais que ligavam a cidade de Salvador e o Sertão da Bahia – primeiro pelo transporte fluvial e depois através da ferrovia (HENRIQUE, 2009). Dada a sua importância histórica, corroborando os ditos de Abreu (2016, p. 36), o Recôncavo, principalmente as cidades

supracitadas, teve por muito tempo “relação direta com a produção de valores de uso e especialmente de troca”.

A região destacava-se principalmente pelo cultivo e exportação da cana-de-açúcar e do fumo, sendo Cachoeira e São Félix as cidades que mais se destacavam nesse contexto de produção e escoamento das mercadorias. No decorrer dos séculos XVIII e XIX aumentou-se o cultivo do fumo na região – e foi intensificado a partir da crise açucareira –, assim, com o crescente desenvolvimento fumageiro, instalaram-se as indústrias Leite & Alves e Suerdieck, em Cachoeira, e a Companhia de Charutos Dannemann, em São Félix, além de outras cidades como Cruz das Almas, Maragogipe e Muritiba (SANTOS, 2009). Até metade do século XX, o Recôncavo liderava a produção de charutos no país.

Contudo, a partir da década de 1950, outros meios de produção foram surgindo – especialmente a exploração e refino do petróleo – e com isso a agricultura foi perdendo força. A ferrovia e o transporte fluvial começam a ser substituídos pela rodovia, dessarte, as cidades que antes tinham grande importância econômica, principalmente Cachoeira, que segundo Santos (1959, *apud* HENRIQUE, 2009) era classificada como capital sub-regional ocupando a 5ª posição na escala da rede urbana da região perdeu o posto, culminando na sua estagnação econômica e dando lugar para outras cidades como Feira de Santana, Santo Antonio de Jesus e Cruz das Almas.

Fraga (2010, sem paginação) enfatiza que as atividades petroleiras resultaram em “grande impacto cultural e econômico no Recôncavo”, no entanto, as cidades beneficiadas foram São Francisco do Conde – onde fundou-se a Refinaria Landulpho Alves, em 1950 –, Candeias, Madre de Deus e Salvador. Com a nova dinâmica, o Recôncavo estava cada vez mais afastado da capital, principalmente Cachoeira, São Félix e Santo Amaro. Outro fator determinante para o distanciamento e aumento das desigualdades intra-regionais foi a criação do Centro Industrial de Aratu (CIA), na década de 60.

Com a nova dinâmica regional – afastada de Salvador e sem geração de emprego –, muitas pessoas foram para outras localidades em busca de trabalho, ocasionando o esvaziamento de algumas cidades do Recôncavo, principalmente

Cachoeira e São Félix, que já não faziam mais parte do circuito econômico, ficando essa população por muito tempo abandonada.

Na década de 70, Cachoeira foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) passando a um reconhecimento midiático enquanto patrimônio artístico e cultural da Bahia. Por outro lado, São Félix não teve o mesmo reconhecimento, vindo a ter alguns prédios e seu conjunto arquitetônico tombado apenas em 2011.

Em 2005, a UFRB é implantada nessa região, com a finalidade de colaborar para o processo de desenvolvimento do Recôncavo, da Bahia e do Brasil (UFRB/ESTATUTO, 2005, art. 3º, inciso III), o que vai configurar novas possibilidades e oportunidades para o povo do Recôncavo, dentre os quais os habitantes de Cachoeira e São Félix que também ganharam um *Campus* da universidade.

De acordo a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI, 2016), o Território de Identidade (TI) do Recôncavo é formado por 19 municípios. Em 2013, o TI apresentava o Produto Interno Bruto (PIB) de R$ 5,9 bilhões, o que representou 2,9% do PIB total do Estado. E o PIB *per capita* do Recôncavo foi de R$ 10.766,75, abaixo da Bahia, que apresentou valor de R$ 13.577,74 (SEI, 2016, p. 119). A região conta com média no IDH de 0,631 (variando entre 0,581 – Cabaceiras do Paraguaçu – e 0,700 – Santo Antonio de Jesus). Em 2010 a população do Recôncavo era de 514.792 habitantes.

Ter uma Universidade no Recôncavo representa uma grande conquista com contribuições significativas para a região através do tripé da instituição e, reflete um aumento de possibilidades e oportunidades para a população. Diante disso, pensa-se a extensão no território como importante instrumento de interação dialógica entre a universidade e a comunidade em seu entorno, bem como de promoção de desenvolvimento e de superação das desigualdades sociais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo pretende analisar as relações entre o CAHL e as comunidades de Cachoeira e São Félix. Pensa-se a sua contribuição para a construção de uma

universidade mais aberta e assim, mais próxima da comunidade local. Este trabalho pretende dar continuidade à pesquisa no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Diante do exposto, faz-se necessário pensar as ações extensionistas enquanto direito social que busque a emancipação e a promoção da autonomia das comunidades e que sejam promotoras de desenvolvimento social, cultural e regional.

Neste sentido, a presente proposta de pesquisa pode trazer contribuições para entendermos como a instituição universitária deve buscar desenvolver-se de acordo com os anseios, aspirações, necessidades e diálogo com a sociedade local. Contribuirá também para ampliação de debates acerca da interiorização das Universidades Federais bem como a relação destas com as comunidades locais.

## NOTAS

[1] Projeto de mestrado aprovado no processo seletivo (turma 2021) do Programa de Pós-graduação em Política Social e Territórios (POSTERR), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

[2] [...]. A análise política, contudo, era feita segundo o "catecismo" da ditadura militar dominante e não traduzia, na prática, o significado dado pelos estudantes, [...] (MELO NETO, 2002, p. 11).

[3] Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "A ponte dos que não atravessam: visões de sanfelistas sobre a UFRB", apresentado no curso de Serviço Social da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, em agosto de 2018.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Helena Elpídio. O Território no contexto de crise do Capitalismo Maduro: elementos para uma leitura crítica. In:_____. **Território, política social e Serviço social:** caminhos e armadilhas no contexto do social-liberalismo. Campinas: papel Social, 2016.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J C: PASSERON, J.C. **A profissão de sociólogo:** preliminares epistemológicos. Petrópolis: Vozes; 1999.

BRASIL. Lei nº 11.151, de 29 de julho de 2005. Dispõe sobre a criação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB por desmembramento da Universidade Federal da Bahia – UFBA, e dá outras providências. **Diário Oficial da União,** Brasília, ago. 2005.

BRASIL. Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Institui o Programa de Apoio a

Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais. **Diário Oficial da União,** Brasília, p. 7, 25 abr. 2007.

CARDOSO, Ruth CL; SAMPAIO, Helena. Estudantes universitários e o trabalho. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 26, n. 9, p. 30-50, 1994.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Construindo um estilo de pensamento na questão agrária:** o debate paradigmático e o conhecimento geográfico. 2013. v.1-2: il + memorial. Tese (Livre-docência). Presidente Prudente: [s.n], 2013.

FRAGA, Walter. A UFRB e o Recôncavo da Bahia. In: **UFRB 5 anos:** Caminhos, histórias e memórias. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia: Cruz das Almas, 2010.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **RAE.** v.35, n.3. São Paulo, 1995.

HAGUETTE, T.M. F. Metodologias qualitativas na Sociologia. 3.ed. **rev. e atual.** Petrópolis: Vozes, 1992, 224p.

HENRIQUE, Wendel. Cidades médias e pequenas da rede urbana do recôncavo da Bahia: uma análise sobre Cachoeira. **Encontro de Geógrafos da América Latina**, p. 01-12, 2009.

MELO NETO, José Francisco de. Extensão Universitária: bases ontológicas. In: MELO NETO, José Francisco (org.); LIMA, Joselita Ferreira de; RIBEIRO, Kátia Suely Q. S.; *et al.* **Extensão universitária:** diálogos populares, 2002. (p. 7-22).

MIDLEJ, Moema Maria Badaró Cartibani. **Universidade e região:** territorialidade da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. 2004. 273f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 2004.

RODRIGUES, Rogério. A extensão universitária como uma práxis. **Em Extensão**, v. 5, n. 1, Uberlândia, 2006. Disponível em: <www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/viewFile/20340/10820>.

SANTOS, José Ricardo Rosa dos. **Universidade pública e desenvolvimento local:** a presença da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) no bairro do Salobrinho em Ilhéus – Bahia no período de 1991 a 2008. 2008. xv, 196f. Dissertação (mestrado). Universidade do Estado da Bahia, Programa Regional de Pós-graduação em Gestão Conhecimento e Desenvolvimento Regional. Salvador/BA, 2008. Disponível em: http://www.uneb.br/pgdr/files/2010/03/disserta%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%A3o_jose_ricardo_rosa.pdf>.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território.- **GEOgraphia**, v. 1, n. 1, p. 7-13, 1999.

SOUSA, Antonio Adriano Batista Alves; AVENDANO, Ana Caroline Andrade; BARROSO, Antonia Horleinna Firmiano *et al.* Encontros e desencontros entre a universidade e as comunidades populares. In: SILVA, Jailson de Souza e; Jorge Luiz, BARBOSA; Ana Inês, SOUSA (Org.). **Comunidades populares e universidade:** olhares para o outro. Rio de Janeiro: UFRJ, Pró-Reitoria de Extensão, 2006. p. 26. (Coleção Grandes Temas do Conexão de Saberes.

PROEX – Política Nacional de Extensão Universitária. **Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras** – FORPROEX. Manaus, 2012. Disponível em: <proex.ufsc.br/files/2016/04/Política-Nacional-de-Extensão-Universitária-e-book.pdf>.